



41 2023
V.16

História da Historiografia

International Journal of Theory
and History of Historiography



ISSN 1983-9928



Sociedade Brasileira
de Teoria e História da
Historiografia



UNIRIO



UFOP



Dossiê

D

Formas de repensar e experimentar a
temporalização do tempo e regimes historiográficos

Special Issue (SE)

Forms of rethinking and experimenting the
temporalization of time and historiographic regimes





Dossiê | Formas de repensar e experimentar a temporalização do tempo e regimes historiográficos

Formas de repensar e experimentar a temporalização do tempo e regimes historiográficos

Special Issue | Forms of rethinking and experimenting the temporalization of time and historiographic regimes

Forms of rethinking and experimenting the temporalization of time and historiographic regimes

André da Silva Ramos^a

E-mail: andre.ramos@uemg.br

<https://orcid.org/0000-0002-4624-4524> 

^a Universidade do Estado de Minas Gerais, Departamento de Ciências Humanas, Carangola, MG, Brasil

François Hartog^b

E-mail: hartog@ehess.fr

<https://orcid.org/0000-0001-6056-0278> 

^b École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França

Temístocles Cezar^c

E-mail: t.cezar@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0002-5351-8204> 

^c Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Porto Alegre, RS, Brasil.

Thamara Rodrigues^d

E-mail: thamara.rodrigues@uemg.br

<https://orcid.org/0000-0003-2330-6494> 

^d Universidade do Estado de Minas Gerais, Departamento de Humanidades, Divinópolis, MG, Brasil.



Palavras-chave

Temporalização do tempo, Regimes historiográficos, História da Historiografia

Keywords

Temporalization of time, Historiographical regimes, History of Historiography

É esta condição que funda o humano propriamente, esta capacidade de representar e significar o espaço da existência que transcorre entre o nascimento e a morte, transformando-o em narrativa a ser partilhada e produzindo sentido para o tempo e para a vida.

(Manoel Salgado Guimarães, *História e Ética*, 2022, p. 208)

A proposta deste dossiê surgiu da necessidade que a/os proponentes sentiram de promover um debate mais denso e reflexivo acerca do tema, que cada um/a, a seu modo, vêm analisando em suas últimas pesquisas e que em termos teóricos relacionam-se a controvérsias mais amplas que podem ser sintetizadas nas questões envolvendo a “temporalização do tempo” em diferentes “regimes historiográficos”.

Nesse sentido, o objetivo geral foi o de acolher artigos científicos inéditos que articulassem essas duas noções a partir da hipótese de que tanto a temporalização do tempo quanto os regimes historiográficos são formas pelas quais podemos discutir crenças enraizadas nos estudos históricos bem como nas sociedades que vivenciam a experiência temporal (ARAUJO; PEREIRA, 2019; HARTOG, 2010; KOSELLECK, 2006; MUDROVCIC, 2013; NICOLAZZI, 2017). Uma dessas certezas mais eminentes é a da evidência das formas de temporalização do tempo. Por exemplo, cronologia, periodização, épocas, séculos, anos, meses, semanas, dias, horas, funcionam como preceitos de inteligibilidade de sua suposta evidência (BLOCH, 1997, p. 52). Independentemente dos modos de contabilizá-lo, em diversos regimes historiográficos, o tempo jamais cessou de passar e as sociedades e os indivíduos nunca deixaram de perceber seu movimento: mais ou menos lento, um passado vivido como “quase imóvel”; mais ou menos rápido, uma aceleração que confere ao futuro expectativas; mais ou menos estagnado, como um presente contínuo, uma atualidade que se esgota nela mesma. Sempre é, contudo, uma evidência (HARTOG, 2005).

Mais próxima da filosofia e da retórica, a evidência é, assim, uma resposta a um dilema clássico do conhecimento histórico, ou seja, de “como manter a diferença de princípio entre a imagem do ausente como irreal e a imagem do ausente como anterior?” (RICŒUR, 2000, p. 306). A evidência, simultaneamente, resolve e dissimula a questão. Ela a resolve, porque acreditamos na maior parte das vezes que o passado está lá, em algum lugar, seja da memória coletiva, seja da memória individual. Enfim, que o passado já foi presente e perceptível à visão de alguém, e hoje é a nossa anterioridade. Ela dissimula porque a certeza de que o passado tenha sido é muitas vezes frágil, pois pode tanto não ter se realizado, como ser produto de uma ilusão, sem mencionar as inevitáveis falhas da memória. Entretanto, as lembranças e as ilusões, considerando suas



potenciais precariedades, fazem parte do discurso da história. Desse modo, a evidência do tempo é uma variante de outro debate clássico do campo historiográfico: o da história e da ficção.

Uma rápida genealogia destas questões ratifica a importância deste dossiê. Assim, no conhecido Livro XI de suas *Confissões* (1964), Agostinho pergunta-se: “que é, pois, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta já não sei”. O problema é que se nada passou não haveria passado e se não houvesse expectativa não haveria futuro, e se nada existisse neste instante não haveria tempo presente (SAINT AUGUSTIN, 1964). Se o passado não existe mais e o futuro ainda não existe, o presente seria da ordem da eternidade, da qual, em *Timeu* (1997), Platão já havia excluído o próprio tempo (PLATO, 1997). Agostinho, por outro lado, também não parece ter refutado a tese aristotélica de que o tempo é qualquer coisa do movimento (ARISTOTE, 1952, L. IV). O que Agostinho faz de diferente é vinculá-lo à alma, ou ao que poderíamos denominar, talvez abusivamente, de certa consciência interior do tempo (POMIAN, 1984).

Logo, se a temporalização do tempo é uma evidência para a maior parte das historiadoras e historiadores, ele não o é, necessariamente, para os filósofos nem para os literatos. Mesmo considerando que a descoberta da subjetividade do tempo histórico seja, de acordo com Koselleck, um produto da modernidade, a sensação da inexistência do tempo ou de sua apreensão como irreal era e continua sendo um debate inconcluso (KOSELLECK, 2002). Por exemplo, no início do século XX, John E. McTaggart, em um artigo que gerou polêmica no meio filosófico, afirma que por razões diferentes de Spinoza, Kant, Hegel e Schopenhauer, acreditar que o tempo é irreal (McTAGGART, 1908). Quanto aos literatos, as análises de Ricœur acerca de *Mrs. Dalloway* (2017) de Virginia Woolf ou de *La recherche du temps perdu* (1999) de Marcel Proust, são excelentes indicadores, se não da irrealidade do tempo como para alguns filósofos, pelo menos de uma relação crítica com a dimensão temporal (RICŒUR, 1985, p. 229-251). Assim, um poeta como T.S. Eliot, escrevia, em 1919, que, para ele, “o sentido histórico é tão atemporal quanto temporal” (ELIOT, 1948, p. 14). Além disso, se a relação com a memória é uma característica desses romances ou poesia, não se pode inferir que ela compareça sempre como acólito do tempo. Lembremo-nos, já em outro contexto, e entre tantos exemplos possíveis, da primeira frase de *O Estrangeiro* (1942) de Albert Camus, “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem” (CAMUS, 1942, p. 9). Tempo, presente ou passado, e memória são incertos, mas não faz diferença.

Em todo caso, dos antigos aos modernos, o dilema sobre a realidade do tempo – visível ou invisível, real ou ficcional, para nos restringirmos a duas aporias clássicas – é um passo decisivo rumo à historicização do conceito e às formas de temporalização do tempo. Koselleck, neste sentido, demonstra que, no século XVII, o primeiro conceito a receber o epíteto de moderno

foi o de história e o segundo o de tempo. Por consequência, no século seguinte, ainda que a tríade Antiguidade – Idade Média – Idade Moderna não tenha se imposto universalmente, vigorou, no século XVIII, “a consciência de que há três séculos já se vivia em um novo tempo, que não sem ênfase, se distingue dos anteriores como um novo período”, sendo a marca desta “consciência histórica a introdução da expressão história contemporânea” que, diferentemente do novo tempo, adquire consistência linguística e acende de modo rápido, associada que está à conjuntura das diferentes formas de Iluminismo e, sobretudo, da Revolução Francesa (KOSELLECK, 2006, p. 280-281). A rapidez da adoção do conceito de tempo contemporâneo é um forte indicador da aceleração do tempo e da sua consciência. Ao lado da mudança semântica das noções de revolução, progresso, desenvolvimento, o tempo, bem como a história, se tornam atores sociais: “a história, então, passa a realizar-se não apenas no tempo, mas através do tempo” (KOSELLECK, 2006, p. 283).

A temporalização opera-se também a partir de sentidos outros atribuídos a unidades de tempo, tais como, primeiro critério, o século – *sæcula*. Ele deixa de apenas ser um cálculo esquemático de cem anos e transforma-se em um sinônimo da reflexão temporal que expressa a experiência histórica como o século do Iluminismo (assim definido pelos próprios contemporâneos), ou século de Luis XIV de Voltaire, ou o gênio do século, figura cara ao romantismo (KOSELLECK, 2006, p. 278-282).

O segundo critério de temporização histórica é a descoberta de civilizações vivendo em graus distintos em um espaço contíguo, que são ordenados diacronicamente por uma comparação sincrônica. Desse modo, as comparações passam a hierarquizar a história do mundo em torno da noção de progresso: “esta experiência básica do ‘progresso’, que pôde ser concebida por volta de 1800, tem raízes no conhecimento anacrônico que ocorre em um tempo cronologicamente idêntico” (KOSELLECK, 2006, p. 284-285). Com efeito, “desde o século XVIII as diferenças em relação à melhor organização ou à situação do desenvolvimento científico, técnico ou econômico passam a ser organizadas, cada vez mais, pela experiência da história” (KOSELLECK, 2006, p. 286). O progresso é um vetor que converte a experiência cotidiana da simultaneidade do não-simultâneo, tornando-o um axioma elementar no século XIX.

O terceiro critério dessa temporalização é o lugar que a teoria da perspectiva histórica subjetiva adquiriu, amparada em enunciados temporais historicizados, junto à produção do conhecimento histórico. Isso significa que os acontecimentos perderam sua estabilidade, até então fixada nos anais, e o passado tende a ser reinterpretado e reescrito. A relatividade dos juízos históricos deixava de ser um inconveniente, transformando-se em uma verdade superior, condicionada pela história:



A história é temporalizada, no sentido que, graças ao correr do tempo, a cada hoje, e com o crescente distanciamento, ela se modifica também no passado, ou melhor, se revela em sua verdade. Torna-se evidente que a história, precisamente como história universal, precisa ser reescrita (KOSELLECK, 2006, p. 287).

O quarto critério é o do tempo experimentado como “transição”, momento em que a providência e a exemplaridade antiga perdem espaço: o tempo como transição altera-se para único e permanente, condição que pouco mais tarde será chamada de modernidade. Por fim, o quinto e último critério é o aparente paradoxo do descrédito da história do tempo presente em uma época de aceleração como o século XIX, e que será colocado em questão com a emergência das críticas ao próprio conceito de história travestido de historicismo (NIETZSCHE, 2005) e como política do tempo e ideologia colonial (CHAKRABARTY, 2008), ou, mais recentemente, como regime de historicidade presentista ou atualista, “dimensão temporal” que, segundo Valdei Araujo e Mateus Pereira, “emerge nessas sociedades aprisionadas pelas estruturas da expansão infinita” (ARAUJO; PEREIRA, 2019, p. 13-14).

O dossiê também repercute debates importantes no que diz respeito à virada ético-política contemporânea no âmbito dos estudos em teoria da história e história da historiografia (RANGEL, 2019a; RANGEL; ARAUJO, 2015). Especialmente por trazer intervenções que tematizam as complexas e tensas relações entre história e memória (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012), que revisam o caráter normativo do tempo histórico moderno, especialmente a suposta dimensão de irreversibilidade do passado e de suas violências. Em sentido semelhante, há ainda reflexões que discutem alternativas político-existenciais à estagnação própria às dinâmicas presentistas ou atualistas do nosso tempo (ARAUJO; PEREIRA, 2019; HARTOG, 2013).

As modulações da experiência da historicidade impactadas pelas frustrações das utopias futuristas no século XX conduziram os historiadores profissionais e os filósofos da história a reagirem às sincronizações da temporalidade promovidas pelo conceito de progresso, que tendeu a uma hegemonia no século XIX (o que não significou consenso e ausência de disputas em relação à experiência evocada pelo conceito) (ARAUJO, 2008; CEZAR, 2018a, 2018b; GUIMARÃES, 2011; MEDEIROS, 2013; OLIVEIRA, 2012; TURIN, 2013; RAMOS, 2019, 2023; RANGEL, 2011; RODRIGUES, 2021; VARELLA, 2021; ARAUJO; CEZAR, 2018).

A constatação da impossibilidade de o passado passar evidenciada pelos traumas provocados pelas experiências de guerras de projeções globais e extermínios de vulneráveis e culturas subalternizadas foram decisivas para a reconfiguração das relações entre história e memória. Perante o esgarçamento de uma concepção de tempo histórico sucessivo, linear

e evolutivo, tornou-se premente a reflexão sobre a coexistência de múltiplas temporalidades (FOUCAULT, 2008; KOSELLECK, 2006; GUMBRECHT, RODRIGUES, 2021) e a necessidade de acolhimento do testemunho das vítimas de catástrofes sociais (BEVERNAGE, 2018; JELIN, 2017; ROUSSO, 2016; TRAVERSO, 2011; VARGAS; CALDAS; CORREIA, 2023).

Neste sentido, o dossiê traz contribuições fundamentais para aprofundarmos as reflexões sobre a experiência da história em cenários nos quais o esquecimento do passado em prol da projeção de utopias abstratas de futuros não é uma possibilidade. Esses estudos tematizam a expansão de agendas de pesquisas sobre as especificidades dos autoritarismos e conservadorismos contemporâneos, que se complexificam perante as dinâmicas impostas pelo presentismo e o atualismo. Assim, revelam a importância de explorar os conflitos entre as temporalidades hegemônicas impostas pelo Estado e das elaborações da historicidade tecidas pelas vítimas de violências traumáticas, que confrontam a imposição do esquecimento. Como o estudo de Berber Bevernage mostrou, ao desnaturalizar compreensões de historicidade hegemônicas afinadas com as violências impostas pelo Estado, a historiografia profissional pode contribuir para a qualificação dos debates sobre reparação política.

Debates que ganham densidade tanto à medida que apresentam as catástrofes impostas pelas dinâmicas das concepções modernas e presentistas de história, quanto por desmascarar a busca salvacionista e mitologizante pela recuperação idealista de passados pretensamente originários que antecederiam à violência da modernidade e da colonialidade (HARTMAN, 2021). A esse respeito, vimos crescer o engajamento crítico com as teorias pós-coloniais e decoloniais, entre outras possíveis, com o intuito de reiterar a centralidade do desenvolvimento de reflexões sobre as dinâmicas que atravessam a experiência da historicidade em condições de subalternidade. Desse modo, a demonstração de como a experiência da colonialidade condiciona o nosso presente, enseja mais a intensificação da análise sobre a abertura de futuros outros do que o confinamento na expectativa por reparações retroativas (OLIVEIRA, 2022, p. 74).

Em face desses desafios, tornou-se também imprescindível a tematização a respeito do tensionamento do paradigma correspondentista da representação. Afinal, está em questão o desafio de evocar as complexidades da experiência da historicidade sem domesticar o outro a partir de critérios pretensamente neutros e universalizantes próprios à concepção moderna de história. A esse respeito, o dossiê também reúne artigos que tematizam a relação entre história e literatura, que rejeitam a dualidade real *versus* ficcional, explorando a dimensão tangencial entre a facticidade e a ficção, bem como os limites e silenciamentos dos eventos e dos arquivos considerados por muito tempo como instâncias privilegiadas da prática historiográfica. A partir da ficção, torna-se possível a abertura para dimensões do real não raramente silenciadas



pelos protocolos canônicos da historiografia profissional, que estabeleceram o paradigma da representação correspondentista como pretensamente superior, e que corroborou para a hierarquização de ontologias (KLEINBERG, 2021; RAMOS, 2023; RAMOS; KLEINBERG, 2017; RODRIGUES, 2020).

Simultaneamente à necessidade da desconstrução do caráter normativo das experiências da historicidade modernas e presentistas e da concepção de representação correspondentista, apresenta-se como uma agenda igualmente importante a necessidade de se problematizar a concepção de subjetividade monodal e solipsista normalizada contemporaneamente. Compreensão de subjetividade que se hegemonizou na modernidade de forma coetânea às utopias emancipacionistas burguesas (KOSELLECK, 1999). Em contraposição à essa concepção de subjetividade, destaca-se as reflexões sobre temporalidade no âmbito dos estudos em teoria da história e da história da historiografia capazes de dialogar com projetos de subjetivação afinados à performatividade da diferença (RAMOS; CASTRO, 2022; RANGEL 2019, 2021).

A relevância dessa agenda se aprofunda diante da emergência de subjetividades disruptivas que reivindicam por protagonismo na esfera pública em escala global, sendo também importante que os historiadores e historiadoras acolham suas trajetórias e seus afetos corporalizados em seus processos de enunciação historiográfica (HOOKS, 2017). Por isso vemos crescer as abordagens que exploram a materialidade, os corpos e os afetos das experiências da historicidade decolonizadas, feministas, *queers*, que demandam a inscrição de seus processos de singularização, refutando a possibilidade da produção de um conhecimento desencarnado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2023; OLIVEIRA; HANSEN, 2023). A reconstrução da nossa relação com o real e com futuro para além da repercussão de seu esgotamento e aprisionamento no presente depende da presença desses corpos e subjetividades. A partir delas ganhamos perspectivas no que diz respeito à complexidade das estratificações temporais e à simultaneidade de experiências e desejos atravessadas por lutas afirmativas comprometidas com a imaginação e com a construção de outros mundos possíveis, junto e além dos tempos angustiantes (ASSUNÇÃO; PEREIRA; RODRIGUEZ; BALDRAIA; BARBOSA, 2023; DOMANSKA, 2018; GUIMARÃES, G., 2022; RAMOS; RODRIGUES, 2022; RODRIGUES, 2023).

Sem dúvida, o que está em questão é a possibilidade de se pensar formas de articulação da historicidade, da imaginação e de desejos que tensionem a reprodução do mesmo própria das dinâmicas da temporalidade moderna e presentista, favorecendo a emergência de futuros outros. Entretanto, compreendemos que a efetivação dessa possibilidade depende de reabitar espaços, corpos e afetos marcados por experiências domesticadoras. Pressupõe as complexidades

inerentes ao desafio da mediação da distância histórica (PHILLIPS, 1997) para a incorporação do nosso pecúlio historiográfico (PINHA, 2012).

O desafio de habitar tradições, de enriquecer uma herança ao pluralizá-la, ultrapassa o gesto das vanguardas artísticas e científicas dos séculos XVIII, XIX e XX de liquidarem o passado, de o jogarem fora, gesto que acinzentava a necessária e inevitável interlocução, tensão e colaboração geracional (CEZAR, 2020; PINHA; RANGEL; MATTOS, 2023). A possibilidade da abertura do futuro a partir de uma perspectiva messiânica fraca, de um messianismo sem messias, para evocar o espectro de Jacques Derrida (1994), ou das relações entre os apelos apocalípticos, um dos fundamentos do regime cristão de historicidade, e o antropoceno, pressupõem o confronto com nossas tradições de conhecimento disciplinadas (CHAKRABARTY, 2021; HARTOG, 2020; NICOLAZZI; TURIN; ÁVILA, 2019; RODRIGUES; MUDROVIC; AVELAR, 2021).

Em outros termos, a revisão dos protocolos convencionais e canônicos da história como uma demanda urgente de nosso tempo não implica em um esvaziamento da própria história disciplinar, na medida em que é também no habitar em tensão essa herança que essas demandas podem se fortalecer e intensificar a reorganização de novos modos de estar no mundo. Acreditamos ser oportuna a existência de uma tensão dialética, de abertura e incorporação que muda mediante novas configurações temporais, políticas e sociais, responsáveis pela emergência de sujeitos, agendas de pesquisa e formas de narrativa e apresentação de histórias postas à margem. Desse modo, torna-se possível que os protocolos sedimentados ganhem novos contornos e questões, permitindo o não apagamento da história e do seu caráter vivo que se manifesta entre a permanência e a transformação.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–23, 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís, MONTEIRO, Ana Maria. (Org.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 21-39.

ARAUJO, Valdei Lopes de. **A Experiência do Tempo**: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Hucitec, 2008.

ARAUJO, Valdei Lopes de; CEZAR, Temístocles. The forms of history in the nineteenth century: the regimes of autonomy in Brazilian historiography. **Historein**, v. 17, p. 1-24, 2018. Disponível em: <<https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/historein/article/view/8812>>. Acesso em: 21 out. 2023.

ARAUJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Atualismo 1.0**: como a ideia de atualização mudou o século XXI. 2ed. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

ARISTOTE. **Physique**. Paris: Les Belles Lettres, 1952.



- ASSUNÇÃO, Marcello; PEREIRA, Allan; BARBOSA, Ana Carolina; BALDRAIA, Fernando; RODRIGUEZ, Maria Dolores. Na teoria da história e da literatura há questão racial, em teoria. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 26, p. 5-8, 2023.
- BEVERNAGE, Berber. **História, memória e violência de Estado: tempo e justiça**. Tradução: André Ramos; Guilherme Bianchi. Serra: Editora Milfontes; Mariana: SBTHH, 2018.
- BLOCH, Marc. **Apologie pour l'histoire ou métier d'historien**. Paris: Armand Colin, 1997.
- CAMUS, A. **L'étranger**. Paris: Gallimard, 1942.
- CEZAR, Temístocles. Geração e/ou gerações? **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 13, n. 34, p. 11-15, 2020.
- CEZAR, Temístocles. **O que fabrica o historiador quando faz história, hoje?** Ensaio sobre a crença na história (Brasil séculos XIX-XXI). **Revista Antropologia**, [S. l.], v. 61 n. 2, p. 78-95, 2018a.
- CEZAR, Temístocles. **Ser historiador no século XIX: o caso Varnhagen**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018b.
- CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference**. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- CHAKRABARTY, Dipesh. **The climate of history in a planetary age**. Chicago: The University of Chicago Press, 2021.
- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional**. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DOMANSKA, Ewa. Affirmative Humanities. **History-theory-criticism**, Czech Republic, n. 1, p. 9-26, 2018.
- ELIOT, T.S. Tradition and the individual talent. *Selected essays*, London: Faber and Faber Limited, 1948.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GUIMARÃES, Géssica. **Ensaio feminista sobre o sujeito universal**. Rio de Janeiro: UERJ, 2022.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Ensaio de historiografia**. Organização, revisão, tradução e notas de Temístocles Cezar. Vitória: Editora Milfontes, 2022.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857**. Tradução de Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. Edições Anpuh.
- HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HARTOG, François. **Chronos: l'Occident aux prises avec le temps**. Paris: Gallimard, 2020.
- HARTOG, François. Évidence de l'histoire: ce que voient les historiens. Paris: Éd. EHESS, 2005.
- HARTOG, François. La temporalisation du temps: une longue marche. In: ANDRÉ, J.; DREYFUS-ASSÉO, S.; HARTOG, F (dir.). **Les récits du temps**. Paris: PUF, 2010. p. 9-29.
- HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social**. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.
- KLEINBERG, Ethan. **Historicidade Espectral: Teoria da História em tempos digitais**. Tradução e apresentação de André da Silva Ramos. Vitória: Milfontes, 2021.
- KLEINBERG, Ethan. Introduction: The New Metaphysics of Time. **History and Theory**, Middletown, v. 1, p. 1-7, aug. 2012.
- KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Tradução: Luciana Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Maas e Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RJ, 2006.

- KOSSELLECK, Reinhart. **Time and History**: the practice of conceptual history. Timing history, spacing concepts. Stanford: Stanford University Press, 2002.
- McTAGGART, J. E. The unreality of time. **Mind**: A Quarterly Review of Psychology and Philosophy, Oxford, 17, p. 456-473, 1908.
- MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagário, à maneira de todos os historiadores**. São Paulo: Paco Editorial, 2013.
- MUDROVICIC, María Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente. **Historiografías**: revista de historia y teoría, Zaragoza, n. 5, p. 11-31, 2013.
- NICOLAZZI, Fernando. A história e seus passados. Regimes historiográficos e escrita da história. In: BENTIVOGLIO, Julio; NASCIMENTO, Bruno César (orgs.). **Escrever história**. Historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. Vitória: Milfontes, 2017. p. 7-36.
- NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo; ÁVILA, Arthur. **A História (in)disciplinada**: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico. Vitória: Editora Milfontes, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida. Escritos sobre a história. Rio de Janeiro, Loyola/PUC-RJ, 2005.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quando será o decolonial? Colonialidade, reparação histórica e politização do tempo. **Caminhos da História**, [s. l.], v. 27, p. 58-78, 2022.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de; HANSEN, Patrícia Santos. Corpos, tempos, lugares das historiografias. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1-15, 2023.
- PHILLIPS, Mark. **Society and Sentiment**: genres of historical writing in Britain, 1740 – 1820. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- PINHA, Daniel. **Apropriação e recusa**: Machado de Assis e o debate sobre a modernidade brasileira na década de 1870. 2012. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.
- PINHA, Daniel; RANGEL, Marcelo; MATTOS, Ilmar. Formação, docência e autoria: pensando o ensino-aprendizagem de história? Entrevista com Ilmar Rohloff de Mattos. **Revista Maracanã**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 16-35, 2023.
- PLATO. **Complete Works**. Cambridge: Hackett Publishing Company Inc, 1997.
- POMIAN, Krzysztof. **L'ordre du temps**. Paris: Gallimard, 1984.
- PROUST, Marcel. **A La Recherche Du Temps Perdu**. Paris: Gallimard, 1999
- RAMOS, André da Silva. **Machado de Assis e a experiência da história**: melancolia, raça e assombramento. Belo Horizonte: Fino Traço, 2023.
- RAMOS, André da Silva. **Robert Southey e a experiência da história**: conceitos, linguagens, narrativas e metáforas cosmopolitas. Vitória/Mariana: Milfontes/SBTHH, 2019.
- RAMOS, André da Silva; CASTRO, Rafael Dias. Entre a inevitabilidade do trauma e a (im)possibilidade do luto: dinâmicas da historicidade em tempos de catástrofe. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 25, p. 236-257, 2022.
- RAMOS, André da Silva; KLEINBERG, Ethan. Ethan Kleinberg: Theory of History as Hauntology. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 10, n. 25, p. 212-228, 2017.
- RAMOS, André da Silva; RANGEL, Marcelo; RODRIGUES, Thamara. Apresentação - Dossiê - Teoria da História e as Novas Humanidades: debates contemporâneo - Presentation - Dossier - Theory of History and the New Humanities: contemporary debates. **Caminhos Da História**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 3-6, 2022.
- RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 13, n. 25, p. 27-46, jul./dez. 2019a.
- RANGEL, Marcelo de Mello. **Da ternura com o passado**: história e pensamento histórico na filosofia contemporânea. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019b.



RANGEL, Marcelo de Mello. Ensino de História: temporalidade, pós-verdade e verdade poética. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, e0110, p. 1-27, 2021.

RANGEL, Marcelo de Mello. **Poesia, história e economia política nos Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói**. Os primeiros Românticos e a civilização do Império do Brasil. 2011. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2011.

RANGEL, Marcelo; ARAUJO, Valdeí. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 8, n. 17, p. 318-332, 2015.

RICŒUR, P. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

RICŒUR, P. **Temps et récit III**. Paris: Seuil, 1985.

RODRIGUES, Lidiane Soares; MUDROVIC, Maria Inés; AVELAR, Alexandre de Sá. Rebeldia disciplinada? Introdução à "História como (in)disciplina". **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 25-44, 2021.

RODRIGUES, Tamara. **Antes do cânone**: Abreu e Lima e as disputas pelo futuro e pela escrita do Brasil. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2021.

RODRIGUES, Tamara. Other ways of thinking and dreaming: the oneiric experience in Reinhart Koselleck, Ailton Krenak and Davi Kopenawa. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 23, p. 178-203, 2020.

RODRIGUES, Tamara. Sonhos, temporalidades e universidade: experiências para o futuro. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 231-249, 2023.

RODRIGUES, Tamara; GUMBRECHT, Hans (org.). **Reinhart Koselleck**: uma latente filosofia do tempo. São Paulo: Unesp, 2021.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Tradução: Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SAINT AUGUSTIN. **Les Confessions**. Paris: Fammarion, 1964.

TRAVERSO, Enzo. **El pasado, instrucciones del uso**. 1. ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.

TURIN, Rodrigo. **Tessituras do tempo**: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

VARELLA, Flávia. **Um Brasil Medieval**: Raça, Clima e Etapas Civilizacionais na História do Brasil de Robert Southey. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

VARGAS, Mariluci; CALDAS, Pedro; CORREIA, Silvia. (orgs.) **Testemunho e escrita da história**: da Grande Guerra à pandemia da Covid-19. São Paulo: Letra e Vozes, 2023.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2017.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Biografia profissional

Thamara de Oliveira Rodrigues é professora do curso de História da Universidade de Minas Gerais (UEMG-Divinópolis) e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em História pela UFOP. Foi pesquisadora visitante no Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Stanford (2014/2017-2018). Coordena o Grupo de Pesquisa Temporalidades e Histórias Populares (CNPq) e coordenou o GT de Teoria da História e História da Historiografia da Anpuh-Brasil (2021-2023). Possui experiência nas áreas de Teoria da História, História da Historiografia Brasileira, História Pública, História do Brasil Imperial e Contemporâneo.

Endereço para correspondência: Universidade do Estado de Minas Gerais. Avenida Paraná 3001 Jardim Belvedere I 35501170 - Divinópolis, MG - Brasil

André da Silva Ramos é professor de Teoria da História e História da Historiografia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG - Carangola). Doutor em História pela UFOP. Foi pesquisador visitante na Universidade de Lisboa (2012), na Stanford University (2015-2016) e na Wesleyan University (2016). Teve pesquisas financiadas pela CAPES, Cátedra Jaime Cortesão (USP) e Fulbright e é membro da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH). É autor dos livros “Robert Southey e a experiência da história: conceitos, linguagens, narrativas e metáforas cosmopolitas” (SBTHH/Milfontes, 2019) e “Machado de Assis e a experiência da história: melancolia, raça e assombramento” (Fino Traço, 2023).

Endereço para correspondência: Universidade do Estado de Minas Gerais. Praça dos Estudantes, 23, Santa Emília, Carangola, 36.800-000

François Hartog é ex-aluno da École normale supérieure (ENS), doutor em história, professor de história antiga nas universidades de Metz e de Estrasburgo e Diretor de estudos emérito da École des hautes études en sciences sociales (EHESS) de Paris entre 1987 e 2018, onde era responsável pela cátedra de Historiografia antiga e moderna. Foi presidente-interino da EHESS e do Conselho de administração da ENS. É membro do Centre Louis Gernet de recherches comparées sur les sociétés anciennes e membro associado do Centre de recherche historique (CRH-EHESS). Foi *Visiting fellow* no Instituto de estudos avançados da Universidade de Berlim, *Visiting Fellow* no Institute for the Humanities da Universidade de Michigan e na Universidade de Chicago, professor-convidado na USP e UFMG. É autor de livros e artigos sobre historiografia antiga e moderna e temas contemporâneos, como o debate em torno do *presentismo*, publicados em vários idiomas.

Endereço para correspondência: 54, boulevard Raspail, 75006, Paris, França.

Temístocles Cezar é doutor em História pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, e Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi Directeur d'études invité na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Presidente da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia e Editor-Chefe da Revista História da Historiografia. Atualmente é Investigador Colaborador do Grupo de Investigação Usos do Passado do Centro de História da Universidade de Lisboa, do Laboratório de Estudos sobre os Usos do Passado (Luppa) da UFRGS e Membro do Comitê Assessor da área de História do CNPq. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: escrita da história, teoria da história, historiografia antiga e moderna e historiografia brasileira, sobre os quais tem livro e vários artigos e capítulos de livros publicados no Brasil, Portugal, Espanha, França e no Scielo Social Sciences.

Endereço para correspondência: Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43311 – salas 204 e 206, CEP 91.509-900, Porto Alegre – RS - Brasil

Financiamento

‘Não se aplica’

Contribuição de autoria

Análise formal: Cezar, Temístocles; HARTOG, François; RAMOS, André; RODRIGUES, Thamara

Conceituação: Cezar, Temístocles; HARTOG, François; RAMOS, André; RODRIGUES, Thamara

Curadoria de dados: Cezar, Temístocles; HARTOG, François; RAMOS, André; RODRIGUES, Thamara

Escrita – Primeira Redação: Cezar, Temístocles; HARTOG, François; RAMOS, André; RODRIGUES, Thamara

Escrita – Revisão e Edição: Cezar, Temístocles; HARTOG, François; RAMOS, André; RODRIGUES, Thamara

Investigação: Cezar, Temístocles; HARTOG, François; RAMOS, André; RODRIGUES, Thamara

Conflito de interesse

Nenhum conflito de interesse foi declarado.

Aprovação no comitê de ética

Não se aplica



Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Não se aplica

Editora responsável

Flávia Varella – Editora-chefe

Direitos autorais

Copyright © 2023 André da Silva Ramos, François Hartog, Temístocles Cezar, Thamara Rodrigues

Licença

Esta apresentação é distribuída em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.